

ESCOLA EM DRUMMOND: APROXIMAÇÕES TEMÁTICAS E CONFIGURAÇÕES DA MEMÓRIA

Maria Amélia Dalvi (UFES)¹

Resumo: Diante dessas distintas configurações da memória poeticamente elaborada em Carlos Drummond de Andrade, interessa-nos, particularmente, a ideia de memória poética da escolarização, já que nosso foco está nas seções “Primeiro colégio” e “Fria Friburgo”, de *Boitempo* (1992 [1968, 1973, 1979]), nas quais a experiência da escolarização formal se dá a ver, recriada discursivamente em poesia, de modo inequívoco e tenso. Analisando tematicamente os 54 poemas, fica bastante visível que essa experiência é tensa, haja vista que, em pouquíssimas situações poder-se-ia flagrar indícios de uma relação solidária e amiga mesmo entre os estudantes – o mais das vezes, prevalece um clima de disputa, animosidade, controle e punição e um questionamento do modo de funcionamento da instituição escolar e de seus processos pedagógicos. A proposta desse trabalho é, pois, oferecer uma organização dos poemas em eixos e categorias temáticas-chave para o estudo das memórias poéticas da escolarização, a partir de *Boitempo*, vasculhando, nos poemas, indícios sobre as configurações da memória.

Palavras-chave: Carlos Drummond de Andrade; *Boitempo*; memórias poéticas.

Este trabalho dá sequência à comunicação apresentada no encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada realizado em 2016, na cidade do Rio de Janeiro (DALVI, 2016), quando tematizei a questão da memória literária da escolarização comparando *Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade, e *Minha vida de menina*, de Helena Morley. O enfoque, no presente trabalho, foi reorientado para uma leitura diagonal do corpo de poemas drummondianos, visando a evidenciar diferentes eixos temáticos e distintas configurações da memória naqueles textos.

Recuperando a discussão de Alcides Villaça (2006) a respeito da variabilidade das inflexões do passado na obra de Drummond em face do projeto estético de cada um de seus livros ou conjunto de livros de poemas, Solange Yokozawa (2009) argumenta que a memória seria um dos princípios basilares da modernidade lírica; o estudo da memória na produção poética de Drummond nos permitiria compreender que sua poesia, como uma poesia marcadamente moderna, “simultaneamente liriciza uma determinada realidade e indaga sobre ela e sua forma de representação” (YOKOZAWA, 2009, [s. p.]).

¹ Professora na Universidade Federal do Espírito Santo. Contato: maria.dalvi@ufes.br.



Podemos notar esse procedimento de lyricização da realidade e de indagação sobre ela e sua forma de representação, por exemplo, no poema de *Boitempo* intitulado “(In)memória”, uma das possíveis “chaves de leitura” do conjunto (três poemas de abertura do livro, aos quais se seguem as seções temáticas organizadas pelo poeta). O poema em questão enumera elementos aparentemente díspares a partir dos quais se constituiria o “resumo do existido” e põe em evidência a dificuldade de processar, organizar e combinar (em suma, “moer”) esses mesmos elementos:

De cacos, de buracos
de hiatos e de vácuos
de elipses, psius
faz-se, desfaz-se, faz-se
uma incorpórea face,
resumo do existido.

Apura-se o retrato
na mesma transparência
eliminando cara
situação e trânsito
subitamente vara
o bloqueio da terra.

E chega àquele ponto
onde é tudo moído
no almofariz de ouro:
uma europa, um museu,
o projetado amar,
o conclusivo silêncio.
(ANDRADE, 1992, p. 443)

Para Santos (2006, p. 3), este poema seria “[...] uma espécie de poema-programa da obra *Boitempo*”; na mesma direção, Dias (2010, p. 159) afirma:

O poema [“(In)memória”] anuncia que *Boitempo* é um livro composto em lembrança de um menino que, embora não tenha passado pela experiência da morte material, está quase irremediavelmente ausente; um menino cujo desaparecimento no passado é, por assim dizer, atenuado através do texto composto para lhe dar voz. Esse ressurgimento do Menino Antigo, o poeta sabe e admite, é, no entanto, permeado por incompletudes, pois é resultado do trabalho da imemória, aquela memória que, para engendrar as imagens do passado, se valerá talvez principalmente das próprias lacunas criadas pelo tempo.

O resumo do existido, como metáfora para a memória que se elabora poeticamente, faz-se de elementos não paralelísticos, tais como cacos, buracos, hiatos,



vácuos, elipses, psius: ou seja, sobrepõem-se, no processo: a) elementos materiais ou concretos, ainda que fragmentariamente (cacos); b) ausências, faltas, esquecimentos (buracos); c) atitudes e sensações (hiatos: como separações; e vácuos: como indícios de desamparo, solidão e mesmo de falta de ar ou de naturalidade); d) recursos linguísticos (elipses: como indicação de sobreposições, aglutinações); e e) chamamentos a terceiros ou advertências quanto à necessidade de silenciar (psius) – tudo isso arranjado por meio de um procedimento não linear, já que faz-se, desfaz-se e torna a fazer-se.

A face do existido é incorpórea, ou seja, intangível, inverificável, pois elimina-se cara, situação e trânsito (como índices de tudo aquilo que poderia agregar qualquer espécie de factualidade). Assim, fura-se “o bloqueio da terra”, que pode ser tomado como uma alusão metafórica à tradição familiar e aos vínculos históricos com os espaços de origem – o que poderia ser entendido como uma evidência de que, na concepção estética do sujeito poemático, a elaboração artística, pelo procedimento lírico, liber(t)aria o *eu* do constrangimento da historicidade que procura uma verdade, um real empírico, comprovável. Por fim, os elementos e dimensões da existência são, na elaboração artística, moídos no “almofariz de ouro”. Ou seja: tudo vira pó e se mistura, para dar origem a algo de outra substância.

Em relação a este poema, é interessante recuperar, ainda, a nota crítica de Yokozawa (2009, [s./p.]), para quem “[...] [a] totalidade do que foi moído pelo ‘almofariz de ouro’ inclui não apenas o existido, mas também o que pudera ter sido: ‘o projeto de amar’, ‘o concluso silêncio’”. Explica-se, pois, o título – “(In)memória” – que, propositadamente, ao manter o elemento mórfico “In” (de negação) entre parênteses, cria a tensão entre memória e não-memória. De um lado, o que foi moído pelo “almofariz de ouro”, como metáfora do trabalho artístico-poemático, é, sim, memória; de outro, o que resta está de tal forma triturado, fragmentado, transformado, remexido, misturado que já não seria memória em sua acepção mais corrente.

Dessa feita, o poema “(In)memória” evidencia aspectos da concepção de memória poética que orienta a construção de *Boitempo* (1992 [1968, 1973, 1979]), que seriam distintos das configurações que a memória assume em outros momentos da trajetória lírica drummondiana, ou seja:

[...] a imagem do passado, tomando a forma de um retrato, aprimora-se paradoxalmente através da falta de nitidez e de exatidão [...]: a abolição do semblante do ser retratado e a anulação da geografia (os



cenários e os contextos) em que se localizava [...] é que dão à imagem a força para vir à tona da memória e o vigor para varar o bloqueio do tempo. (DIAS, 2010, p. 160).

Para Yokozawa (2009), como parte do processo de constituição da modernidade lírica no contexto brasileiro, o conjunto da produção poética drummondiana assumiria, pelo menos, três diferentes configurações da memória. A primeira seria a de *Alguma poesia*; a segunda, aquela em que a memória poética participa de um processo mais notoriamente social (como em *A rosa do povo*); e a terceira, aquela que se manifesta, como vislumbramos a partir do poema “(In)memória”, em *Boitempo*.

A terceira configuração da memória na poesia de Drummond, que aqui nos interessa mais de perto, organiza-se em *Boitempo*, de acordo com Yokozawa (2009), pelo fato de o passado se tornar nuclear e sua recuperação ser entendida como atitude vital da madureza; pela recuperação prazerosa de quadros da meninice e da juventude; pela superação do sentimento de culpa e de desconfiança em relação à tradição familiar, aos valores da terra, à personalidade na criação lírica; pela valorização do vivido; e pela autoironia jocosa, mas não ressentida – no entanto, em nossa leitura do conjunto de poemas, que trataremos de apresentar aqui, não concordamos integralmente com a ideia de que a recuperação dos quadros da meninice e da juventude não é fundamentalmente prazerosa e nem com a ideia de que a autoironia do autor seja “não ressentida”.

A partir de correspondência do poeta, a estudiosa (YOKOZAWA, 2009) aponta a visceralidade com que a recuperação do menino e rapaz antigos se impõe ao poeta já velho – como se a reinvenção da trajetória autobiográfica pela discursividade poética fosse, também, uma espécie de invenção de um lugar para si mesmo em um clã esfacelado e perdido, em relação ao qual o sujeito tivesse estado, todo o tempo, em lugar *gauche*. De uma outra perspectiva, Souza (1997) acrescenta que o fato de a) o eu-lírico dos poemas de *Boitempo* (1992 [1968, 1973, 1979]) se apresentar, simultaneamente, também como um narrador autodiegético; e b) as datas e indicativos temporais serem pouco precisos, em conjunto – tornaria evidentes as idiosincrasias da construção da memória autobiográfica naqueles poemas.

Com Villaça (2006), outro ponto a ser considerado é que a recriação ou reelaboração do passado memorialístico, em *Boitempo* (1992 [1968, 1973, 1979]), não se submete ao tempo verbal pretérito, diferentemente de outros poemas evocativos da



memória, no conjunto da obra drummondiana. A duração, de acordo com o crítico, seria construída a partir do tempo verbal presente. Ou seja, trata-se de uma relação com o tempo diferente da relação comum; essa forma de relação, para Dias (2010), só poderia ser compreendida por meio da noção de “imemória” ou pelo recurso ao elemento imaginativo.

Outros dois aspectos que contribuiriam, na perspectiva de Souza (1997), para questionar a compreensão da obra em questão como uma autobiografia tradicional e/ou pacificada, evidenciando, na contramão disso, o aspecto dialético e tenso da construção de *Boitempo* (1992 [1968, 1973, 1979]), seriam: a) o fato de o pacto de leitura estabelecido com o leitor se constituir no espaço intervalar entre o lírico e o narrativo, rompendo com “dogmas” do gênero autobiográfico, mantendo o leitor continuamente em dúvida quanto ao encadeamento das ações e à (im)pertinência de transplantar elementos de um poema para a compreensão de outros; e b) a o fato de os blocos de poemas que compõem a obra em questão terem como títulos oxímoros (tais como “Menino antigo” e “Esquecer para lembrar” – que evocam, por exemplo, construções como “Claro enigma”, “As impurezas do branco” ou “A paixão medida”), inserindo-os ainda mais evidentemente no conjunto da produção poética drummondiana, ou seja, rasurando a hipótese de que o tratamento memorialístico autobiográfico seria propriamente uma novidade ou capítulo à parte no conjunto da obra de Drummond.

Diante dessas três distintas configurações da memória poética ou poeticamente elaborada, interessa-nos, particularmente, a ideia de memória poética da escolarização, já que nosso foco está nas seções “Primeiro colégio” e “Fria Friburgo”, de *Boitempo* (1992 [1968, 1973, 1979]), nas quais a experiência da escolarização formal se dá a ver, recriada discursivamente em poesia, de modo inequívoco e tenso.

Todos os poemas de “Primeiro colégio” e “Fria Friburgo” se passam no espaço-tempo escolar ou em contextos relacionados ao ingresso na ou à saída da instituição escolar. “Primeiro colégio” trata da primeira experiência escolar em internato; e “Fria Friburgo”, da segunda, que culmina em expulsão. Analisando tematicamente os 54 poemas, fica bastante visível que essa experiência é tensa, haja vista que, em pouquíssimas situações poder-se-ia flagrar indícios de uma relação solidária e amigável mesmo entre os estudantes – o mais das vezes, prevalece um clima de disputa, animosidade, controle e punição e um questionamento do modo de funcionamento da



instituição escolar e de seus processos pedagógicos.

O primeiro e o segundo poemas (“Fim da casa paterna” e “Ombro”) de “Primeiro colégio” elaboram memorialisticamente a saída da casa paterna em direção ao internato, e evidenciam a experiência de trauma. Do terceiro ao sexto poemas (“Mestre”, “Aula de português”, “Aula de francês” e “Aula de alemão”) recupera-se e problematiza-se a experiência do sujeito como aluno de línguas, dando a ver, na maioria dos casos, uma forte ironia do sujeito lírico para com a inépcia dos professores ou para com seu alheamento em relação à aprendizagem ou não por parte dos alunos, e ainda uma forte autoironia para com as próprias (supostas) dificuldades como estudante. Os poemas trazem também à tona a prática de castigos físicos, como no poema “Aula de alemão”.

O sétimo e o oitavo poemas (“Figuras” e “Craque”) registram a relação com colegas de escola, no pátio e no campo de futebol; no primeiro, o sujeito lírico termina punido, por rasgar papel e espalhá-lo sobre o pátio recém-varrido. O sétimo poema, assim como o nono (“A norma e o domingo”), evidenciam problemas do sujeito lírico com as normas disciplinares rígidas da instituição escolar e a proibição de que possa sair da escola no dia de folga (configurando que o mínimo fulgor de “liberdade” não só é “condicional”, como pode ser suspenso a qualquer momento).

Já os poemas décimo a décimo quarto, da seção “Primeiro colégio”, sintomaticamente, tematizam a relação entre o espaço da escola e fora da escola. Em “Programa”, a indagação é sobre o que fazer no dia de saída do internato e conclui com a frustração de gastar todo o dia visitando parentes com os quais não há um vínculo afetivo efetivamente estabelecido. “Ruas” contrapõe as ruas da cidade de origem com as ruas da cidade grande em que se situa o internato, e o sujeito lírico conclui, ao falar das ruas largas e retas: “obrigam-me a nascer de novo, desarmado” (ANDRADE, 1992, p. 651). “Parque municipal”, “Apontamentos” e “Livraria Alves” se detêm sobre a saída e os passeios permitidos pela escola, nos parques e na livraria, e tornam evidente que qualquer lugar é mais atraente que o espaço da escola.

A seção “Fria Friburgo” conta com 40 poemas, de temáticas variadas. Os três primeiros poemas (“Primeiro dia”, “Segundo dia” e “Terceiro dia”) propõem *flashes* do processo de inserção no novo espaço-tempo escolar, sendo uma espécie de prenúncio das dificuldades do sujeito lírico com a nova realidade, pelo estranhamento com os colegas, pelo desejo de voltar para casa, pelo clima de cerceamento e punição que



constitui o espaço-tempo escolar que impede o sujeito lírico até mesmo de escrever uma carta sentimental e sofrida à própria mãe.

Poemas seguintes evidenciam o total controle que a instituição exerce sobre o estudante: quanto ao dinheiro (“Lição de poupança”), à dificuldade de se obter prazer e satisfação na alimentação (“O doce”), à obrigação de acompanhar a missa (“Começar bem o dia”), à necessidade de obedecer como se fora um cadáver (“Recusa”), à obrigação da confissão religiosa (“Inventor”), ao controle do tempo por meio da sineta escolar e do passeio livre uma vez por mês (“O som da sineta” e “Passeio geral”), ao modo de dormir, ao prazer, aos vícios, ao corpo e à sexualidade dos estudantes (“Dormitório”, “Direito de fumar”, “Punição”).

Outros poemas, por sua vez, tematizam, de maneira mordaz, a iniciação na escrita literária (“A decadência do ocidente” e “Estreia literária”), a vida cultural e artística na escola (“A banda guerreira”, “Orquestra colegial”, “Artistas adolescentes”, “Sessão de cinema”, “Enigma”, “Arte fulminada”) e as relações interpessoais entre meninos de diferentes procedências e tradições culturais (“Esplendor e declínio da rapadura”).

Comparecem, também, a relação com animais no espaço do internato ou no entorno da escola e sua relação com o processo de constituição subjetiva (“O rato sem rabo”, “Cobrinha”, “Pavão”, “A lebre”, “Marcas de galo na alma”), as disputas e brincadeiras dos estudantes (“Campeonato de peão”) e mesmo uma sugestão homoerótica (“Lorena”).

Evidenciam-se, de igual modo, gestos de resistência do sujeito lírico e mesmo de outros colegas, como vemos em “Verso proibido”, poema no qual se canta pelo pátio o provocativo dístico: “Santo Inácio de Loiola, / fundador desta gaiola.” (ANDRADE, 1992, p. 664). Ou ainda em poemas que trazem à baila táticas de enfrentamento e subversão do sistema escolar, como “Somem canivetes”, “Caxerenguengue”, “Sacrifício”.

Há, por fim, uma ironia mordaz para com as tradições e cerimônias de que a escola participa, como se vê em “Fórmula de saudação”, “Discursos”, “Retiro espiritual” e “O colegial e a cidade”. De maneira dramática, os dois últimos poemas da seção “Fria Friburgo” põem em revista o destaque intelectual do sujeito lírico como estudante (em literatura, francês, inglês, latim, português) e seu bom comportamento, e contrapõem esse destaque à sua expulsão e sua saída da escola, em direção, novamente,



à casa paterna.

Desse modo, face ao exposto, parece-nos que a afirmação de que, na obra assumidamente memorialística, “a recuperação do passado em poesia se processa *sem problematidade*” (YOKOZAWA, 2009, [s./p.], grifos nossos) precise ser redimensionada – e esse é um dos desafios ao se pensar o estudo das memórias literárias a partir do gênero poema.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obras completas: poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- DALVI, Maria Amélia. Memórias literárias da escolarização (1890-1910): Drummond & Morley. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491436935.pdf>. Acesso em 17 out. 2017.
- SANTOS, Juliana. Boitempo: a recordação em Carlos Drummond de Andrade. In: *Nau Literária*. V. 2, n. 2, jul.-dez. 2006.
- SOUZA, Raquel. *Boitempo: a poesia autobiográfica de Drummond*. Tese de Doutorado (Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.
- SOUZA, Valmir de. Memória poética e esquecimento em *História do Brasil e Contemplação de Ouro Preto* de Murilo Mendes. *Ipotesi* (UFJF), v. 11, p. 127-136, 2007.
- VILLAÇA, Alcides. *Passos de Drummond*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- YOKOZAWA, Solange F. C. Tua memória, pasto de poesia: configurações da memória em Carlos Drummond de Andrade. In: *TextoPoético: revista do GT Teoria do Texto Poético* (ANPOLL). V. 6, jan.-jun. 2009 [s./p.]. Disponível em: <<http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/article/view/154/152>>. Acesso em: 30 out. 2015.